

Fátima Vieira

(Faculdade de Letras da Universidade do Porto)

**Citação:** Vieira, Fátima, "Entrevista a Jorge Telles de Menezes", *E-topia: Revista Electrónica de Estudos sobre a Utopia*, n.º 10 (2009). ISSN 1645-958X. <<http://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id05id164&sum=sim>>

*Rubis de Eterna Glória* é o título do novo livro de Jorge Telles de Menezes, no prelo da Afrontamento. Composto por quatro “novelos”, o livro surpreende pela reinvenção do conceito de “novela”, pela erudição das referências culturais, pelo fraseado complexo mas impulsivo que envolve o leitor na jornada de errância do poeta em direcção a uma “casa branca” no ventre da montanha sintrense.

“Poeta, tradutor, dramaturgo, cultor de spoken Word”, é assim que o jornal on-line *Alagamares* (<http://forum.alagamares.net/index.php>) identifica Telles de Menezes, que para o periódico tem vindo a contribuir de forma regular com artigos essencialmente de crítica literária. Uma breve pesquisa na Internet dá conta do interesse que Sintra desperta no autor e do muito que por sua vez o poeta nascido no Porto tem dado à Sintra que (o) adoptou: o seu nome é, com efeito, parte obrigatória do roteiro cultural sintrense, quer pela sua ligação regular às produções da companhia de teatro *Tapa Furos* e apoio dado a iniciativas literárias de interesse para a cidade quer pela poesia que faz ecoar na serra que Lord Byron tanto amou. São especialmente dignos de nota, neste sentido, os espectáculos experimentais do grupo *SinTonicLab*, a que Jorge Telles de Menezes pertenceu e do qual se afirmou como um dos seus principais dinamizadores. Cultivando um género de espectáculos onde confluem diversas disciplinas artísticas – desde a poesia recitada e a representação à música ouvida e às artes plásticas, o grupo, em associação com o *Teatro Tapa Furos*, promoveu um conjunto de sessões “pantónicas”, espectáculos semi-espontâneos, próximo das *jam sessions* do Jazz, fundamentados na aspiração ao sincretismo patenteado nas composições do músico alemão Arnold Schönberg. As “pantónicas” mudaram certamente para sempre a forma de se dizer e de se fazer arte em Sintra. Jorge Telles de Menezes fez ouvir a sua voz de *diseur* também em outros momentos mais informais, como os das tertúlias poéticas organizadas no antigo restaurante *Casa da Avó*, acontecimentos mais espontâneos mas decerto igualmente importantes para a vida cultural sintrense.

À poesia e ao jornalismo literário – foi director interino do *Jornal de Sintra*, encontra-se ligado à criação de um novo jornal on-line, *Sintra Cultural*, e assina uma rubrica para a revista *Nova Águia*, intitulada “As Ideias Portuguesas de George Till” – junta-se uma prolífera actividade de tradutor (a partir de e para diferentes línguas, do alemão e do inglês ao espanhol e ao português), que passa por géneros, títulos e autores tão distintos como *O Espelho de Dois Reflexos*, de Arthur Miller, *Luz em Agosto*, de William Faulkner, *A Casa do Juiz*, de Bram Stoker, *Mitsou*, de Rainer Maria Rilke, *O Fim do Capitalismo*, de J. K. Gibson-Graham, *O Princípio do Fundamento*, de Martin Heidegger, *O Impulso Criador*, de Josef H. Reichhoff, *Atalhos da Floresta e Da Essência da Liberdade*, de Martin Heidegger, *As Cinco Faces da Modernidade: modernismo, vanguarda, decadência, kitsch, pós-modernismo*, de Matei Calinescu, *Os Mestres da Humanidade: Sócrates, Buda, Confúcio, Jesus*, de Karl Jaspers, *Um Mestre da Alemanha: Heidegger e o seu Tempo*, de Rüdiger Safranski, *Tratados e Sermões*, de Mestre Eckhart, entre muitos outros possíveis exemplos.

A obra literária publicada de Telles de Menezes enceta com uma edição bilingue de textos em prosa poética, *Numa Cidade Estranha / In einer fremdem Stadt* (Berlim, Edition Sonnenbarke, 1983, trad. dos poemas para alemão por Cornelia Fuchs) e passa, em 2003, por *Selenographia in Cynthia* (Lisboa, Hugin, 2003), um volume que congrega experimentações de uma voz poética surpreendente, tendo como pano de fundo as cenografias pré e pós-históricas da adoração à Sintra Lunar. *Rubis de Eterna Glória* dá consistência à ideia de Sintra como lugar de utopia, destino de todos os poetas lunares.

Nesta entrevista realizada por correio electrónico Telles de Menezes identifica a viagem como elemento definidor da identidade portuguesa e fala da sua errância por terras longínquas e pelos livros que traduziu. Por fim, bem à maneira romântica, oferece ao leitor a sua receita utópica para mudar o mundo: fazer poesia.

## F.V. – Do Porto a Sintra, passando por África e por Berlim: a viagem moldou-lhe a voz poética?

J.T.M. – Hoje sou avesso às “viagens”, mas praticante da viagem como um estado mental, a vida é uma viagem, dizia Séneca. Como português nasci a viajar, sou dos portugueses em viagem. Os portugueses que não viajam são um mal nacional. Mas o português tem uma peculiar maneira de viajar, ou antes, tinha, porque enquanto havia um império colonial viajava-se dentro de um espaço hermético, em todos aqueles territórios havia uma ordem portuguesa. Chegava-se lá e encontrávamos uma sociedade portuguesa transplantada para um cenário tropical. A cultura local fazia sempre parte da paisagem, estava ali para nos entreter mais ou menos com o seu exotismo. Não víamos verdadeiramente o que estava em nosso redor, não víamos o Outro. Curiosamente o meu diálogo com a outra Europa, a do norte reformado e da civilização germânica, começou em África, em países como a África do Sul ou a Suazilândia. Mas estava em África, o homem africano comunicou-me, suponho, algo da sua sabedoria milenar. Tive encontros muito marcantes, fora do quadro civilizacional europeu, particularmente na Suazilândia, que me ensinaram o valor do despojamento, da simplicidade, da hospitalidade e da humildade vivida, não narrada em qualquer catecismo cristão. Uma vez atirado para o mundo, esse *geworfen sein* heideggeriano, esse mundo todo para além do meu Porto natal, nunca mais regresssei. Perdi o sentido das fronteiras, marchava, marchava por uma planície sem fim, tudo era plano, cidades, vilas, aldeias, nada detinha a minha busca do diferente, nada me fazia parar. A minha finalidade era então a minha auto-educação, aprender a ser um cidadão do mundo, a aceitar o Outro. Tive de dissolver também em mim um mundo que acabara tragado pela história que eu também ajudara a cumprir-se. A minha voz poética formou-se nesses mundos em desmoronamento, na contraluz de novas formações históricas por vir, nas conversas partilhadas com um varredor do lixo, na coragem de ler publicamente poesia que falava da violência de um povo contra outro povo, de escrever poemas que não eram publicados e ainda hoje estão inéditos, poemas em diálogo com a cultura africana. O Outro tinha a sua cultura, a sua literatura que se exprimia na minha língua (tentei aprender línguas nacionais de Angola, o que era proibido), uma poesia, sobretudo, que era para mim uma magnífica extensão da língua portuguesa que recobria todo um universo colonial com a sua dorida voz de protesto. Eu tinha uma formação católica, mas numa tertúlia dos então chamados “católicos progressistas”, pelos meus dezasseis anos, descobri que Cristo tinha uma considerável dimensão revolucionária, que a sua mensagem não pactuava com a injustiça social. Perguntaram-me aí uma vez o que achava que se devia fazer, o que iria acontecer, A revolução, foi a minha resposta imediata sem ter na altura percebido todo o alcance dessa palavra. Mais tarde, por inspiração do poeta David Mestre participei na fundação do Grupo Poesia-Hoje, fazíamos recitais de poesia angolana sempre na presença de um agente da pida. Eram tempos difíceis para os poetas, tempos de luta para que hoje possamos quase dizer que somos países irmãos. Por essa altura comecei também a publicar poemas em suplementos literários e vivi intensamente o cineclubismo em Luanda, como mais tarde em Lourenço Marques, onde ainda cumpri o “serviço militar” dos poetas: o jornalismo. Aprendi a questionar o ideal de felicidade do homem português. Como era possível ser feliz no meio da violência de uma guerra absurda? E, no entanto, também eu estava condenado a procurar ser feliz. Mas pode ser-se feliz se não formos livres, mas pode ser-se feliz se o nosso bem-estar resulta da opressão do Outro? Estas eram as questões que dominavam então o ser poetizante que em mim se começava a manifestar nessa adolescência tão abissal. Mais tarde, em Berlim, a mesma experiência de um mundo em desmoronamento, embora nessa altura a dureza inexorável do Muro mal deixasse pressentir o que estava para acontecer. Numa certa altura já ironizava com o meu destino, chegava a qualquer lado e lá estava mais um mundo a desmoronar-se, devia ser o meu estro a fazer das suas.

A viagem moldou-me numa espécie de poeta-cartógrafo, sou um homem da terra, isso até está no meu nome, busco o *espírito de um lugar*, usando a estafada expressão, para nele encontrar as coordenadas universais do homem e das suas culturas, e sou um poeta de rupturas, como se cada lugar me transmutasse num novo ser. Cada lugar tem a sua cruz, não unicamente no sentido cristão, mas uma cruz magnética, geomântica que o torna único, como defendiam os índios norte-americanos Hopi. Num lugar olhámos para o seu fundo (o sul) para o seu alto ou céu (o norte) e para o seu ocidente e o oriente. O lado de lá do muro de Berlim era o seu oriente. Eu gostava de ver o sol vermelho a deitar-se do outro lado do muro, associava esses tons à utopia falhada do socialismo de estado, e achava que um novo sol teria de nascer para iluminar o homem na sua superação utópica da história. O sul de Berlim era a sua noite, o seu sem-fundo, um jogo de sombras iluminado por pálidos reflexos de um sol obscuro, a luz mortiça de um capitalismo moribundo, onde os “loucos” ou visionários, que tinham acesso a uma luz antiga de esperança que teimava em não se apagar, dançavam seus patéticos rituais nocturnos procurando “repetir” os passos remotos do homem do clã.

Em *Selenographia in Cynthia* creio que podemos aplicar o mesmo conceito da cruz Hopi. O sul de Sintra são para o poeta-geógrafo os subterrâneos da montanha regida pelos ciclos lunares, a sua fantástica

botânica e bestiário. O poeta é um demandador do significado da cruz, cada lugar tem a sua cruz. O norte é a divindade lunar feminina, a antiga deusa de uma era matriarcal que hoje regressa sob várias formas, como a da luta feminista ou a ecologia. Escrevi o longo poema "Selenographia" com a mão esquerda, creio que é importante dizer isto, para ter acesso directo ao meu hemisfério cerebral da intuição, das emoções, do pensamento místico, enfim àqueles atributos que "normalmente" se associam à decantada "natureza feminina", à *anima* em mim. O oriente e o ocidente tocam-se invisivelmente em Sintra, como se a cruz abraçasse o globo, o extremo do ser ocidental retoma em simultâneo o fio projectado do oriente para voltar à matriz que aqui atingiu a sua forma sublime na alma lusa. Bem podem os nórdicos, como queria Southey, reclamar Sintra *For us, Goths, Germans and English*, mas Sintra é essencialmente lusa, é uma das facetas da nossa complexa alma portuguesa, aquela em que a mulher é elevada à divindade, em que o feminismo mais do que uma invenção da modernidade é um espírito e uma atitude subjacentes à nossa visão do mundo. O patriarcalismo de raiz judaica, arábica e germânica bem pode ter oprimido e moldado a nossa natureza durante milénios, mas subjaz à nossa cultura a presença toda dominante da Senhora, da grande deusa, mestra do amor, que ecoa nos nossos maiores como nos cantos de amor de Camões e tem raízes muito ancestrais.

(Só ainda sobre o modo de viajar dos portugueses coevos: temos de reaprender a grande arte de viajar de que fomos mestres com a primeira globalização. Viajar para aprendermos e crescermos com o Outro. Se vamos só pelo pitoresco, pela fotografia para o álbum, somos tão banais como tantos dos estereotipados turistas que nos visitam desde o século XVIII.)

**F.V. – A actividade de tradutor influenciou, de algum modo, a de poeta? Pergunto isto porque a tradução é, tal como a poesia (e a literatura em geral), uma forma de *reescrita*. Por outro lado, a tradução de um romance de Faulkner ou de um livro sobre a modernidade (como o de Calinescu), ou ainda de um outro de Heidegger terá certamente implicado um processo de reflexão sobre ideias e conceitos que estariam em princípio apartados do seu universo poético. Pode falar-nos um pouco das afinidades (ou desacertos) entre o que traduziu e o que escreveu?**

J.T.M. - Recordar-me-ei sempre da minha decisão de me dedicar à tradução porque cumpria então o início do meu sétimo septeto de vida. O poeta em mim exigia uma profissão directamente relacionada com a escrita depois de anos de várias experiências profissionais cujas entranhas estavam para mim ressequidas, eram cadáveres. A tradução surgiu-me primeiramente como uma prática da escrita de que só poderia tirar benefícios para a minha própria criação literária. Pareceu-me também que ser tradutor era uma profissão de grande dignidade para quem a exercia, particularmente apropriada para escritores. A minha primeira experiência de tradução exerceu sobre mim uma influência descomunal. Sem que ninguém mo tivesse pedido ou sugerido traduzi uma antologia de poetas alemães contemporâneos, nascidos para a poesia com as revoltas estudantis dos anos sessenta e a revolução dos costumes. Para mim, enquanto poeta, foi uma experiência riquíssima. A atenção a um quotidiano que não é neutro, mas o reflexo de complexas relações históricas e culturais, o conceito de poema-objecto, a ideia de William Carlos Williams de que um poema é feito de qualquer coisa, porque essa geração alemã era fortemente influenciada pelo pós-modernismo norte-americano e pela cultura *pop*, a politização do dia-a-dia, a interpretação dos pequenos gestos, toda essa estética que integrava na sua experiência o modo de vida das modernas sociedades ocidentais precipitou em mim a prática e a definição de uma poética que observava criticamente o meu quotidiano imergido na grande área metropolitana de Lisboa. Para um criador literário a tradução pode constituir um desafio para a sua própria obra, um estímulo para uma abertura a novas perspectivas.

A tradução de várias obras de Martin Heidegger, e também de duas biografias do seu percurso de vida e intelectual, o contacto com a poderosa plasticidade estética da sua linguagem, do seu modo de pensamento que parece avançar em círculos, repetitivamente, foi altamente contagiante para mim enquanto poeta. Interiorizei diversos conceitos seus – como o de *clareira*, o de *ser atirado para o mundo*, da busca do *atalho da floresta*, um caminho esquecido que nos pode levar até à clareira do ser –, que se tornaram desde então propriedade minha, eles eram-me próprios, eu entendia-os como estruturantes da minha visão do mundo. Outra grande lição no contacto com o pensador de *Ser e Tempo* foi sobre o entendimento das nossas culturas ocidentais como culturas de tradução, sobretudo do grego e do latim. Com um grande filósofo como Heidegger aprende-se a pesar melhor as palavras, a sua etimologia, a sua história e também as suas potencialidades no desenvolvimento da consciência do próprio ser que se revela no tempo.

Um outro autor cuja tradução constituiu para mim uma autêntica experiência de vida, que assumo como um mestre de pensamento capaz de iluminar o meu íntimo com uma centelha que eu julgava adormecida,

ou quase inexistente, foi Mestre Eckhart. Lê-lo e meditá-lo enquanto o traduzia foi para mim um fertilíssimo e enriquecedor exercício intelectual e anímico. Aqui sim, a influência do autor traduzido foi fortíssima, mas de um modo constitutivo no meu pensamento, nas minhas atitudes perante a vida ensinando-me a viver pacientemente o despojamento do meu ego para deixar espaço ao divino ou como hoje diríamos à mente superior, na vivência de uma religação cósmica, na visão dignificadora do homem que cultiva estoicamente as virtudes. Anterior à minha própria escrita que também foi influenciada desde então por conceitos como o da *centelha* que brilha na alma de cada homem, a experiência de tradução de Mestre Eckhart foi uma extraordinária aprendizagem de depuração e decantação do ser, que me deixou muito mais rico e humanizado mesmo que eu não fosse um escritor. Por tudo isto considero a profissão de tradutor uma profissão de alto risco, porque a intimidade com o pensamento de um outro autor pode ser uma revelação e um enriquecimento para nós, mas, pergunto-me, que aconteceria se o autor a ser traduzido fosse um desequilibrador, um *terrorista* do pensamento?

**F.V. – É óbvia, nos seus livros, a aproximação a diferentes géneros literários e artísticos (pintura, música, cinema), e contudo a poesia afirma-se sempre como dinamizadora e unificadora de tudo o que tem escrito. Pode comentar esta ideia?**

J.T.M. - Sou de facto um autor muito contaminado por outras expressões artísticas. Não sei bem explicar como isso acontece, se sou eu que procuro essa contaminação ou se são os outros modos de expressão que me procuram. Quando o meu livro de poesia *Numa Cidade Estranha* foi lançado em Berlim, o fotógrafo e poeta Frank Birger-Herzer produziu uma série de diapositivos a preto e branco para cada poema do livro. Fê-lo por sua iniciativa e daí até eu montar depois uma apresentação multimédia do livro em Lisboa, no Estrela Hall, foi só um passo. Outros amigos como o poeta Alexandre Vargas ajudaram-me a conceber a banda sonora para o espectáculo. No caso do segundo livro de poesia, *Selenographia in Cynthia*, ele continha já uma proposta de encenação teatral, e pouco tempo antes de o livro sair o Teatro Tapafuros, de Sintra, apresentou na Quinta da Regaleira um espectáculo de uma fantástica beleza, em que o poema foi o pretexto para uma peça multidisciplinar, com música ao vivo, numa performance notavelmente dialogante com os requintados cenários dos jardins. Surpreendeu-me a possibilidade de a palavra poética conseguir desencadear uma apropriação por outros modos de expressão artística, naturalizando-a nas suas específicas linguagens: a palavra poética na música, nos cenários, no *sprechgesang* dos actores, na iluminação, na própria encenação. Nos finais do milénio envolvi-me num projecto de música e poesia com o agrupamento SinTonicLab que foi uma experiência estética e de comunicação com o público altamente gratificante. Juntámos música ao vivo, construção de cenário, imagens, escultura, voz, tudo num palco, numa série de quatro recitais que marcaram muito na altura o modo de se dizer e apresentar poesia em Sintra. Eu dizia os poemas em várias línguas, o alemão, o inglês e o português e a totalidade do espectáculo aspirava a esse conceito tão europeu da *Gesamtkunstwerk*. Sinto que existe um constante fluxo de influências recíprocas entre o que escrevo e o teatro, a música e as artes plásticas. Desenvolvi este conceito de deslimitação dos modos de expressão com a participação na criação das *Pantónicas* pelos SinTonicLab, espectáculos de fusão de géneros em torno da poesia de um autor convidado, ou inspirados por exemplo numa escultura enquanto elemento agregador. Hoje, porém, sinto que quero concentrar-me quase exclusivamente no processo da escrita. A melhor poesia é para mim *dramática* por natureza e definição, por isso mesmo dentro da Literatura tenho uma tendência para superar as distinções de género, a melhor ficção é sempre poética e por vezes dramática, o melhor teatro por sua vez é poético e filosófico, a melhor filosofia é poética, há um nível acima do qual todas as obras de genuíno valor literário se tornam inextrincavelmente poéticas, essa é a essência da grande Literatura. O “Teatro para Ler”, por exemplo, é para mim um exemplo desta minha tendência deslimitadora de géneros. Neste caso é o papel do espectador que está em causa. Ele é um leitor, mas pode tornar-se no espectador de uma peça imaginária em que tem a capacidade para imaginar e conceber todo o processo de direcção da peça enquanto está sentado no seu sofá a ler.

**F. V. – Na sua obra poética, Sintra não é apenas a serra cantada por Byron, é sobretudo uma “Sintra lunar”. Que significado tem, para a construção da sua voz poética, a lua, esse símbolo do feminino que tão obsessivamente tem sido representado por diferentes culturas?**

J.T.M. - A poesia corre com o rio do tempo e do ser, mais do que ao autor ela pertence à sociedade, nenhum poeta verdadeiro tem o culto do autor enquanto entidade independente, porque *sabe* que a poesia é na sua essência uma proposta intersubjectiva de partilha e de retorno aos meios primordiais, à palavra e ao ritmo, que são a materialidade significante da sua expressão. A poesia é anterior e superior à sua

própria concretização na materialidade da palavra, o mesmo sucede com a música. O autor é um pesquisador de harmonias pré-existentes no cosmo, seja ele o microcosmo humano de cada um ou o grande universo de que fazemos parte. Tudo devemos aos outros, no processo criativo nada mais fazemos do que saldar uma dívida de gratidão e amor por tudo o que nos foi dado para continuarmos essa obra de construção da voz poética talvez inútil pelas leis da universalidade eterna mas muito significativa para nossos particulares microcosmos. Tudo isto para dizer que a Lua, enquanto símbolo do feminino, exprime essa imensa força catalisadora de grandes transformações colectivas que é a consciência da incontornável aspiração ao cultivo das virtudes consideradas como garante de um desenvolvimento harmonioso da relação entre o homem e a natureza. A sensibilidade, o pensamento intuitivo, a imaginação são hoje poderosas “ferramentas” espirituais para a evolução das sociedades. No pensamento português a Sintra «lunar» corresponde a um traço profundo da nossa mentalidade, que se manifesta por exemplo no *marianismo* da religião popular, que muito nos poderá ajudar na transformação em curso do paradigma de desenvolvimento. Os estrangeiros, mormente os nórdicos, que nos visitaram e se extasiaram com a beleza de Sintra, não captaram esse lado lunar da montanha, essa sua natureza feminina, nem mesmo William Beckford que foi talvez entre eles quem melhor e mais profundamente soube olhar para Sintra, que é um museu vivo da nossa cultura e pensamento. Nós temos em Sintra uma tradição greco-latina, para não falar da «mística arcaica portuguesa, lunar, nocturna, feminina, aquática, profética e soteriológica» evocada por Dalila Pereira da Rocha, que entendeu e crismou perfeitamente o extraordinário magnetismo lunar deste local, e o pensamento português, nomeadamente com Gil Vicente soube interpretar maravilhosamente esse legado. O misticismo de Sintra é de natureza panteísta, apela ao regresso e à fusão do homem com a natureza, ao sossego da alma no balanço equilibrado com o meio envolvente, e nesse sentido abrem-se perspectivas deslumbrantes de evolução para a pequena vila da montanha lunar, pois mais do que nunca o homem precisa de se harmonizar com a natureza, caminhando com ela, e não contra ela como ainda hoje é defendido na visão capitalista de desenvolvimento. Faça-se justiça ao Rei-Artista, D. Fernando II, um alemão que com a sua sensibilidade romântica e o seu profundo conhecimento da história e da cultura portuguesas compreendeu a relevância quase arquetípica de Sintra e soube plasmar nela com a sua obra edificada a defesa do estado contemplativo e criativo como imperativo para a sobrevivência do homem aos tempos caóticos da modernidade industrial que já se desenhava na Europa. Construir um palácio no meio de um parque exótico e deslumbrante como ele o fez é um repto à faculdade de maravilhamento do homem, à sua criatividade contra todas as «locomotivas» do grosseiro materialismo dominante. É nessa tradição *lunar* de Sintra que me inscrevo e escrevo.

#### **F.V. – Qual é o papel reservado aos poetas nos nossos dias?**

J.T.M. - Talvez o papel do poeta seja justamente ousar meditar sobre esta pergunta. Qual é o papel que está reservado aos poetas nos nossos dias? Está em curso uma amálgama caótica de tudo o que entendemos por poesia até hoje. O legado da modernidade tem já hoje um sabor clássico, que nos espanta ainda pela sua espantosa capacidade de inovação formal, mas ao contrário de algumas ideias muito na moda ainda há pouco tempo a poesia não é sobretudo *forma*, nem é antes do mais música. Os modos de dizer poesia estão completamente confundidos, alguns poetas regressam a formas clássicas como o soneto, outros deixam-se tentar ainda pela inovação formal que está praticamente esgotada, mas toda a discussão em torno da forma, ou dos limites do género, esquece o essencial: qual é o papel do poeta na sociedade de hoje? Gosto de pensar que os poetas são uma espécie de reserva ética da humanidade, que deveriam ser consultados pelos decisores políticos, porque enquanto guardiães de uma tradição antiquíssima que os coloca como oficiantes dos grandes ritos colectivos de religião cósmica, e intérpretes das vontades do grande espírito que tudo engloba, o mundo subjectivo e o aí-existente, eles com maior facilidade saberiam distinguir entre o que é verdadeiramente necessário para os povos e o que é meramente ilusório, levando assim os responsáveis *deste mundo* a mentirem menos com seus sofismas e a seguirem uma política de verdade e de justiça. Mas os poetas perderam qualquer estatuto dentro da sociedade, eles são hoje quase uns marginais, e quando participam na coisa pública detectam-se neles com maior evidência todos os defeitos dos outros decisores, com a agravante de neles a falta de ética ser absolutamente intolerável. Um famigerado criminoso da guerra dos Balcãs, com elevadas responsabilidades políticas, era um reconhecido poeta antes do conflito. O poeta deve ser um exorcizador de demónios nunca o demónio ele próprio. Talvez os poetas se devam hoje calar, afastar da coisa pública, para meditar na sua solidão sobre o seu papel na sociedade, porque a existência de poetas assassinos ou poetas mentirosos envolvidos no jogo político é algo de muito doloroso para toda a humanidade. É imperioso repensar o papel do poeta, mas entretanto parece-me que estamos um pouco condenados, e isto não é pouco, a escrever apenas para a humanidade vindoura, porque os actuais demónios do

consumismo, do vazio espiritual da vida moderna, do sensacionalismo são inimigos mortais da verdadeira poesia. Os poetas, creio, são hoje uma espécie de guia espiritual oculto mas presente para uma humanidade anestesiada e esvaziada na sua própria essência humana.

**F.V. – A relação entre poesia, viagem e utopia é óbvia na sua obra, particularmente no universo dos quatro últimos romanos que compõem *Rubis de Eterna Glória*. O primeiro romano é assinado pelo seu heterónimo, George Till, que aparece aliás já em *Selenographia in Cynthia*. Por que razão sentiu necessidade de criar um heterónimo, inventar-lhe uma vida e atribuir-lhe ideias portuguesas? O seu utopismo é mais português através da voz de George Till?**

J.T.M. - Infelizmente a divisão mental e cultural, quase mítica na nossa vida colectiva entre os que ficaram e os que partiram e regressaram depois com ideias novas, os estrangeirados, continua a ser, embora mais atenuadamente, uma realidade com a qual muitos cidadãos ainda se sentem profundamente incomodados. Existe um aspecto muito regressivo na nossa individualidade colectiva, uma forte tendência para procurar um centro perdido, o rasto de um núcleo desfeito, uma fixação no passado, e uma inclinação para aceitar com muita reserva e suspeita qualquer inovação. Isto é tanto mais dramático quanto as personalidades mais marcantes da nossa cultura foram *estrangeirados*, não apenas por terem vivido muito tempo fora do país, mas também porque trouxeram ideias inspiradas abertamente noutras mentalidades e gostos. Ou nos fechamos demasiado em torno de nós mesmos, nos ensimesmamos mais em hábitos e rotinas do que em pensamento profícuo com os quais procuramos abafar o vazio que na realidade sentimos, ou nos deixamos abalar completamente pelos que vêm de fora com suas inovações, e depois de uma primeira reacção adversa adoptamos acriticamente, naturalizamos aquilo que primeiro rejeitáramos com tremendo vigor.

São essas duas facetas do nosso ser colectivo, esse jogo entre o novo e o velho em que o velho é na realidade mais novo do que se julga e o novo não tão novo assim quanto deixa supor que determinam o nascimento de George Till. Ele não é um heterónimo, uma *personae* como aquelas que o génio dramático de Fernando Pessoa inventou, mas uma simples extensão de mim mesmo, até o nome não passa de uma variação inglesa do meu ortónimo. Ao criar contudo essa *pessoa* desconfigurei-a das naturais obrigações biográficas, tudo nela é humanamente impossível. George Till nasceu com a vaga de exilados políticos do primeiro liberalismo português. Como Almeida Garrett foi para Inglaterra, casou-se por lá, inglesou-se, e desde então revisita periodicamente Portugal, o que significa que ainda não morreu, uma impossibilidade lógica. O seu olhar, contudo, está eivado de ternura pelo nosso destino dramático. Um olhar suave mas indistinto, interiormente apaixonado mas plácido e temporizador na acção exterior. Ele visitou o último império colonial da história, e como os antigos sábios celtas sabe olhar do futuro para o presente. Ele procura amenizar na nossa mentalidade aqueles modos ínvios, indirectos, com que encaramos os problemas, empenha o seu coração honesto e a sua inteligência corajosa para congregar as boas vontades em torno de objectivos nobres e ideais solidários. Mas nem sempre foi assim: no primeiro romano ele é uma vítima da revolução e contra-revolução portuguesa. Não eram as suas acções, mas o seu ser que era perigoso demais para qualquer ficção política inventada pela impiedosa vontade de poder e ambição dos homens. É verdade que ele morre assassinado por uns misteriosos Serviços Secretos, mas o que impede que ele renasça para escrever as suas *Ideias Portuguesas*? Aliás, está prometida uma resposta pelo George Till com as suas *Ideias Estrangeiradas de Jorge Telles de Menezes*, um livro ainda por escrever, mas que consta do plano da sua obra.

Por tudo isto considero que o moderno utopismo português nasce com o Liberalismo, num diálogo com o utopismo europeu de uma forma intrínseca e indissociável. Estamos longe do messianismo vieirino, mas à ideia de um império universal católico subjaz um impulso utopista que hoje podemos seguir na nossa história política moderna. O positivismo e uma grosseira interpretação do materialismo condicionaram negativamente a nossa capacidade utopizante, enquanto por outro lado a nostalgia da nossa *Idade do Ouro* histórica tem alimentado um filão retroactivo. Mas os nossos grandes filósofos e poetas dos séculos XIX e XIX opuseram-se com essencial clarividência a qualquer reducionismo na nossa capacidade de sonharmos um mundo melhor para nós e para todos os seres. Somos ainda muito apaixonados politicamente, caímos demasiado no sectarismo que nos impede por vezes de reconhecer a universalidade da nossa vocação moderna. George Till pretende amenizar esse temperamentalismo político, apelar à reflexão elevada, à potenciação ilimitada da nossa capacidade de compreensão e tolerância. Eu tenho um texto chamado *O Meu Avô Britânico* que me foi inspirado por um inglês que vi sentado num café de Sintra fumando o seu cachimbo e sorrindo compreensivamente para tudo o que acontecia em seu redor. Como é um inédito, gostaria de inseri-lo aqui nesta entrevista, porque ele fala dessa necessidade premente do português de alterar aquilo que poderia designar como o seu quadro mental em ordem para se tornar num ser mais feliz, capaz de utopizar, de idealizar para o seu ser colectivo e individual um futuro muito melhor do que o presente, sendo o destino de George Till contribuir de algum modo para essa profunda mudança

emocional e mental do nosso ser.

Só podemos ter dois avôs, mas eu adoptei um terceiro. Ele estava sentado a uma mesa do café Monserrate, em Sintra, e eu ocupei a única mesa livre, que era ao lado da sua. Todos os sinais exteriores confirmavam a sua extracção britânica, mas vou poupar a maçada de os descrever, pois o benévolo leitor poderá usar assim à vontade a sua imaginação. Direi somente que ele era magro, seco, com uma barba branca bem aparada, que vestia desportivamente, fumava cachimbo e não tirara o chapéu impermeável da cabeça.

Havia uma aura de fleuma e reserva nos seus olhos azuis, que fitavam com um brilho divertido, irónico até, o ambiente do café. Todo ele exalava calma e mistério, uma sabedoria pragmática bem anglo-saxónica, temperada pela abertura a qualquer heterodoxia não-europeia, o budismo zen, o ioga, a antiquíssima filosofia chinesa, o estoicismo dos nativos americanos, o telurismo africano. Aquele homem não tinha um grama de gordura a mais no seu corpo, e sabia com toda a certeza o valor energético e nutritivo de todas as plantas e cereais conhecidos. Não se alimentava pelo prazer da degustação, mas pelo conhecimento exacto e científico do mundo vegetal e orgânico, qual Adão num Éden anterior à queda.

Ao levantar-me, ele afastou delicadamente uma cadeira para eu passar, os nossos olhares cruzaram-se, e foi nesse momento que o adoptei. Eu sempre quis ter um avô assim, com quem conversar frente à lareira de coisas do mundo e dos homens, coisas do coração e do pensamento, que me fizesse sentir que as portas da percepção, se abertas com cuidado e atenção, me dariam a entender os amplos ciclos da vida, numa visão animada do universo, um avô que me desse a conhecer e aprofundasse na minha alma as virtudes da temperança e da harmonia interior, que penetrasse comigo nos segredos das paixões humanas, e não menos importante, que me ajudasse a tornar-me um ser mais tolerante e compassivo comigo próprio e com os outros...

Ah, meu avô britânico da imaginação, só tu poderás moderar este meu impetuoso sangue lusitano que me corre nas veias de um avô jogador e sedutor, o advogado de todas as causas perdidas, o delapidador da fortuna e dos bens de uma família nobre acumulados ao longo de mais de mil anos, e de um outro marinheiro das sete partidas do mundo, republicano e radical, duelista pela honra das suas convicções, sofrendo no fundo das masmorras da ditadura o castigo social pela sua infinita ânsia de liberdade e justiça.

Meu avô britânico, acolhe-me para sempre na tua home rural, na tua monarquia de sonho, junto dos teus duendes e gnomos, no mundo maravilhoso e infantil que espanta qualquer criança e devia espantar todos os homens se estes não tivessem coisificado a sua existência e não se condenassem a um grosseiro materialismo calculista e positivista.

Até nunca mais, avô, despeço-me, enquanto saio do café Monserrate, na minha Sintra de sonho e fantasia.